

# Como é que se resolve o problema?

Sabe o que é "design social"? Uma colectiva internacional, em exposição na Galeria ZédosBois, diz que sabe, e mostra exemplos. Uma alternativa caracterizada pelo efémero dos próprios materiais e pela austeridade

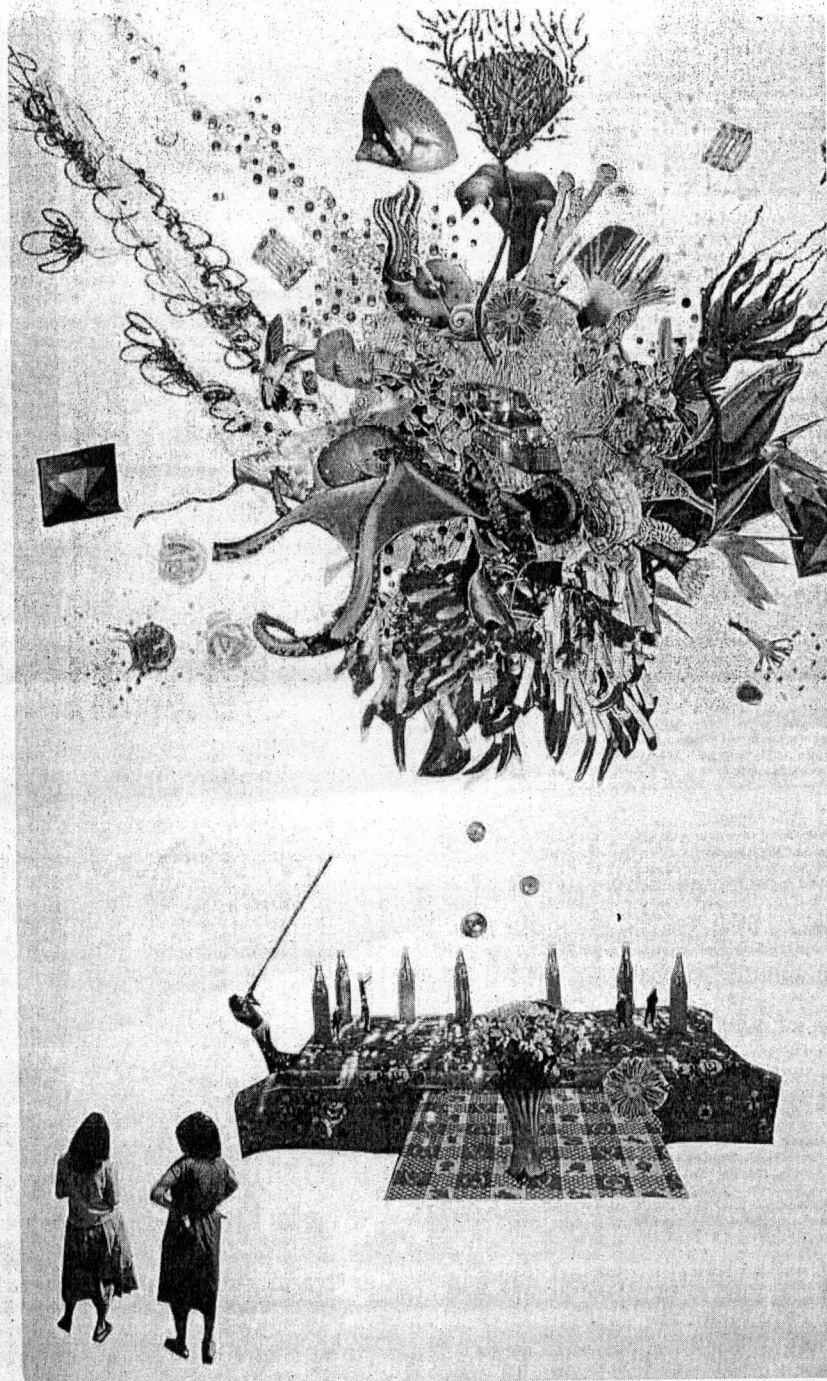
José Couto Nogueira  
correio@oimdependente.pt

As galerias comerciais chamam-se assim, sem qualquer conotação pejorativa no termo "comercial", porque precisam de pagar a renda e sustentar honestamente os seus promotores. Dedicam-se ao comércio da Arte, negócio que permite às pessoas usufruí-la no conforto dos seus lares - um prazer, aliás, sem paralelo, e que muitas vezes até faz sentir que a vida vale a pena, apesar dos massacres em vários pontos do globo, da carestia da vida e da estética dominante na construção civil.

Sendo pois uma arte para se ter em casa, está sujeita às limitações físicas das casas no que diz respeito a dimensões, fragilidade e facilidade de se ver - para não falar nas limitações de orçamento, que levam os pouco capitalizados a não poderem gastar muito e os desafogados a gastá-lo em investimentos de retorno mais rápido e menos aleatório. No outro extremo encontram-se os museus, que podem exibir instalações gigantescas, projectar imagens de dimensões cinematográficas e guardar "coisas" frágeis e monstruosas, inanimadas e multi-agitadas - além de terem verbas significativas para gastar, precisamente, nessas elucubrações.

**Luxo raro.** Esta conversa toda é para falar da "terceira via", a Arte que se exhibe em instituições como a Zé dosBois e que desagrada ou não interessa aos dois primeiros grupos. Ao primeiro, pela sua forma e dimensão, ao segundo pela sua efemeridade e, porque não admiti-lo, pela "pobreza" dos materiais e pouca espampanância das propostas. Só uma galeria como a ZédosBois, que não tem nem dinheiro no banco (talvez nem tenha conta no banco), nem subsídios, nem o rabo preso em lado nenhum, pode dar-se ao luxo de exibir propostas como esta, modestamente intitulada "life policies - como é que resolveste o problema?"

Trata-se de uma colectiva de criadores de várias origens (sobretudo da Europa do Norte) que não se consideram propriamente artistas mas sim - ora aí está - "designers sociais". Em termos formais, isto tanto pode ser um vídeo muito chato de uma senhora a contar que abandonou tudo para se dedicar a ajudar os outros. (lá dizia o Raul Seixas:



"Houve alturas em que me sentia tão egoísta que queria ajudar toda a gente."), como uma série de collagens absolutamente fantásticas, como uma mesa cheia de objectos para se brincar, escrever, ler ou apenas mexer, como ainda uma banda de hard rock feita especificamente para o evento (e que dá pelo belo nome de Come on Camone).

É tudo Arte, lá isso é -, pelo menos, quando lá estamos a assistir, ou mesmo a participar, não temos nenhuma dívida de que o seja. Agora, se é "design social", ou mesmo o que possa ser "design social", aí já as dúvidas são muitas. Mas a incerteza é uma das componentes da criação e da fruição artísticas, ou não será?

**"Life policies - como é que resolveste o problema"**

Galeria ZédosBois

R. da Barroca, 59. Tel. 213430205

De quarta a sábado, das 19 às 23 horas

Até 8 de Junho

## > A SOLUÇÃO

### Quem resolveu o problema

> A exposição "life policies" tem a participação de Kenneth Balfelt (DK), Diego Schindler Castro (D), Andrea Creutz (S), Annika Lundgreen (S), Mads Lynnerup (DK), Muntean e Rosenblum (A), Thomas Poulsen (DK), Work about Work (Stefan Krüskemper e Jörg Amonat) (D), Kirstine Roepstorff (DK), Ene-Liis Semper (EST) e Marie Roemer West (DK). O projecto BORDTABLETISCHMESA foi inventado por Rosa Almeida, Lone Bank, André Guedes, B9, Elsebeth Jørgensen, Jørgen Leth, Ana Pérez-Quiroga, Susana Mendes Silva, João Pedro Vale e Marie Römer Westh. A banda Come On Camone é constituída por Mads Lynnerup (bateria), Marília Maria Mira (voz), Rafaela Nunes (voz), Tó trips (guitarra), Gaby Drain (baixo) e também pode ser vista e ouvida no domingo, 2 de Julho, a partir das 19h, no relançamento da revista "Flirt", Loja de Discos Flur, no Cais da Pedra (Bica do Sapato).

Porquê ZédosBois? Seria uma brincadeira em cima de Joseph Beuys, embora Natxo Checa, um dos boys fundadores, diga que prefere imaginar um ribatejano, o Zé dos Bois, que resolveu vir para Lisboa abrir uma galeria de arte... Isso aconteceu há oito anos e, desde então, não têm parado

## A cultura à frente dos bois

as exposições, festivais, promoções, workshops e mais uma data de actividades de difícil classificação.

Teoricamente, a ZDB é uma galeria de arte, sim senhor, mas ultrapassa largamente esse conceito de espaço onde se penduram quadros. No seu longo palmarés brilha o Festival

Atlântico, lê-se a Flirt (uma revista visual/intelectual de distribuição gratuita) e vê-se um grande intercâmbio com o estrangeiro. Eles vêm cá com os seus ateliés, danças, músicas e cenas, e nós também lá vamos com os bois e as vacas e os filmes. A ZDB define-se como um

colectivo de artistas em que, segundo se diz, existe uma democracia interna onde pererem alguns gurus. O mais extraordinário é que não tem subsídios, nem apoios oficiais, nem recorre a todas aquelas muletas que parecem ser o ferramental básico das iniciativas artísticas. O espaço

no Bairro Alto foi-lhes cedido pela Segurança Social (!) e o das Terceiras pela CML. Fora isso, a ZDB goza de uma invejável independência. Não deve nada a ninguém (figurativamente falando, é claro) e, portanto, pode fazer o que lhe apetece. E que tem sido muito bem feito.

*Life Policies*, uma exposição acerca das estratégias de formação de identidades e de estilos de vida e *Diz Que Me Amas*, de Ana Pérez-Quiroga, uma mostra sobre a nossa constante necessidade de afecto.

# Políticas de vida

ÓSCAR FARIA

"Life Policies", exposição colectiva comissariada por Solvej Ovesen, procura colocar uma questão fundamental nos dias de hoje: "Como é que resolveste o problema?" As soluções, às quais se chegam a partir das mais diversas estratégias — individuais ou colectivas — apontam sempre para um modo de vida alternativo, seja ele o de uma estrela rock, seja ele o da recusa do sistema capitalista e das suas formas de controlar as relações pessoais.

Como nota a curadora: "Life Policies" significa estratégias de formação de identidades e de estilos de vida." Essa intenção é visível logo à entrada da galeria Zé dos Bois, que foi transformada pelo dinamarquês Thomas Poulsen num lugar de encontro a partir de uma série de materiais heterogêneos recolhidos na cidade, quer pela introdução do logótipo da galeria nas paredes. Essa metamorfose denota não só uma vontade de reciclagem e de desperdícios, mas também a percepção de que existe a necessidade de criar espaços onde as diferenças possam inventar outros diálogos.

No dia da inauguração, o também dinamarquês Mads Lynnerup realizou uma "performance", que obedecia ao mote "Queres ser uma estrela rock?" (ver PÚBLICO de 13 de Maio de 2002). O artista, que expôs recentemente no MOMA de São Francisco, deu assim início a um processo com vista à formação de uma banda, que, de certa forma, dê sentido aos tais 15 minutos de fama tão apetecidos desde Andy Warhol. No interior da Zé dos Bois, numa instalação que mimetiza uma espécie de sala de ensaios, irá ser possível assistir à evolução deste colectivo denominado Come on Camones e que é formado por Marília Maria Mira (voz), Raífaela Nunes (voz), Tó Trips (guitarra), Gaby Orain (baixo) e Lynnerup (bateria).

Num dos mais impressionantes conjuntos de obras da exposição, a dinamarquesa Kristine Roepstorff reactualiza, através de uma série de colagens, um conjunto de modos de intervenção

com origem nos movimentos de vanguarda do início do século XX ou nas experiências alucinogénicas realizadas na década de 70. As fotocollagens da dadaísta Hannah Höch surgem como referência essencial desta série de trabalhos de grande impacto visual — sobretudo num painel de quatro por três metros —, onde as estruturas de poder, especialmente as masculinas, são problematizadas criticamente.

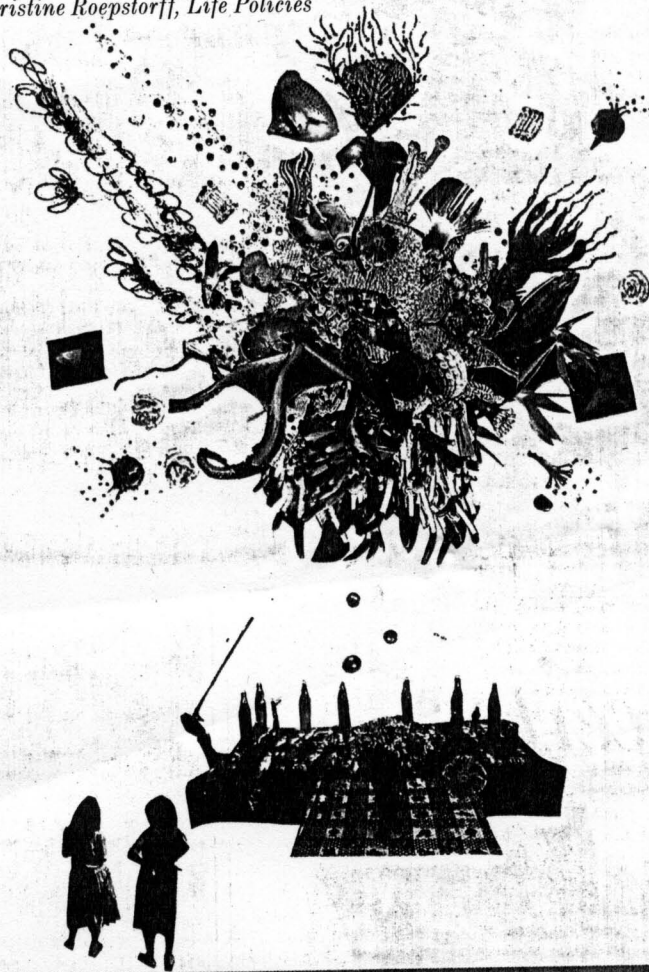
No texto de apresentação de "Life Policies", lê-se que os participantes na mostra tentam alterar as condições sob as quais se constroem as relações sociais: "Os artistas que trabalham com 'performance' preocupam-se sobretudo com a 'fluidez' do individual e com a possibilidade da individualidade nos dias de hoje, numa atitude situacionista de 'guerrilha comunicacional', citando/questionando papéis e construindo identidades." De Ene-Lis Semper, da Estónia, pode observar-se o vídeo "Stairs" (2000), onde a artista transforma um acto de uma banalidade extrema — o subir de de uma escada — num exercício de uma extrema densidade psicológica.

Finalmente, refiram-se as obras do alemão Diego Schindler Castro — que a partir da cena do suicídio de Jimmy em "Quadrophenia" (1979), de Franc Roddam, constrói uma instalação onde coloca em plano de evidência o trágico destino de um fracasso amoroso — e da dinamarquesa Marie Rømer West, "Bordtable-tisch" — uma mesa com um "design" orgânico que reúne várias colaborações de artistas, entre os quais, os portugueses Rosa Almeida ("Headfucks", 1990), André Guedes ("Click", 2002), Susana Mendes Silva ("Do You Want a Letter From Susana Mendes Silva", 2002), João Pedro Vale ("Passatempo", 2001-2002) e Ana Pérez-Quiroga ("Why Not Sneeze?", 2002).

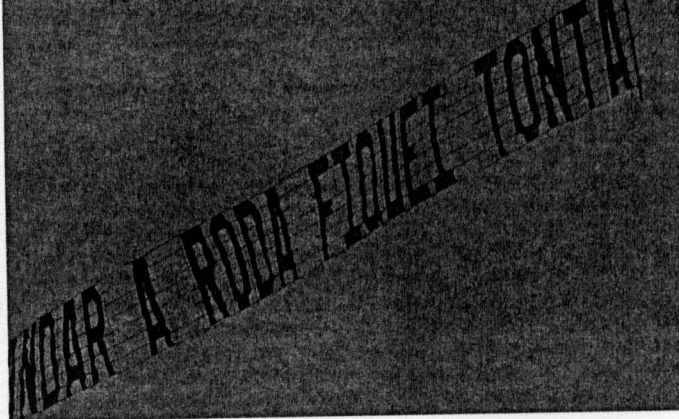
"Diz Que Me Amas"

Esta última tem actualmente na Galeria Filomena Soares uma das mais motivantes exposições que se podem visitar em Lisboa.

Kristine Roepstorff, *Life Policies*



Ana Pérez-Quiroga, *Diz Que Me Amas*



Intitulada "Diz Que Me Amas", a mostra põe em plano de evidência a nossa constante necessidade de

consolo, exaltando, dessa forma, o poder dos afectos e, por extensão, da arte, enquanto mecanismos de

superação da solidão. Ana Pérez-Quiroga parte não só de elementos provenientes da cultura popular, como

a máquina que, em troco de uma moeda e de um pouco de perícia, dá como prémio um coração de peluche com a frase "amo-te, não te amo" na etiqueta, ou o algodão-doce que, durante uma "performance" realizada durante a inauguração, era oferecido ao público —, mas também da "high culture", como se pode observar numa citação directa a Marcel Duchamp, em "Why not Sneeze?", ou no néon "Diz Que Me Amas", que remete para as criações de Bruce Nauman onde a linguagem ilumina o ambiente envolvente.

A estética relacional, teorizada por Nicolas Bourriaud, está presente nesta exposição, que inclui ainda "Para Que me Calientes La Noche", 80 pares de chinelos em tecido bordados, onde se podem ler frases que nos remetem para pensamentos quotidianos e "De Tanto Andar à Roda Fiquei Tonta" (2002), que transporta o sentimento da vertigem amorosa até ao infinito céu — e aqui vem à memória as acções espectaculares transmitidas em alguns "reality shows", quando alguém das relações próximas de um concorrente contratava uma avioneta que levaria consigo uma mensagem para ser lida a partir do "interior" da casa. .

"Live Policies"

Exposição comissariada por Solvej Ovesen, com a participação de Kenneth Balfelt, Diego Schindler Castro, Andrea Creutz, Annika Lundgreen, Mads Lynnerup, Muntean and Rosenblum, Thomas Poulsen, Work About Work, Kristine Roepstorff, Ene-Liis Semper e Marie Roemer West.

LISBOA. Galeria Zé dos Bois. Rua da Barroca, 59 (Bairro Alto). De 4ª a sáb., das 19h às 23h. Tel.: 21 3430205. Até 8 de Junho.

"Diz Que Me Amas" de Ana Pérez-Quiroga LISBOA. Galeria Filomena Soares. Rua da Manutenção, 80 (Xabregas). De 3ª a sáb., das 10h às 20h; 2ª, das 10h às 18h. Tel.: 21 8624122. Até 1 de Junho.

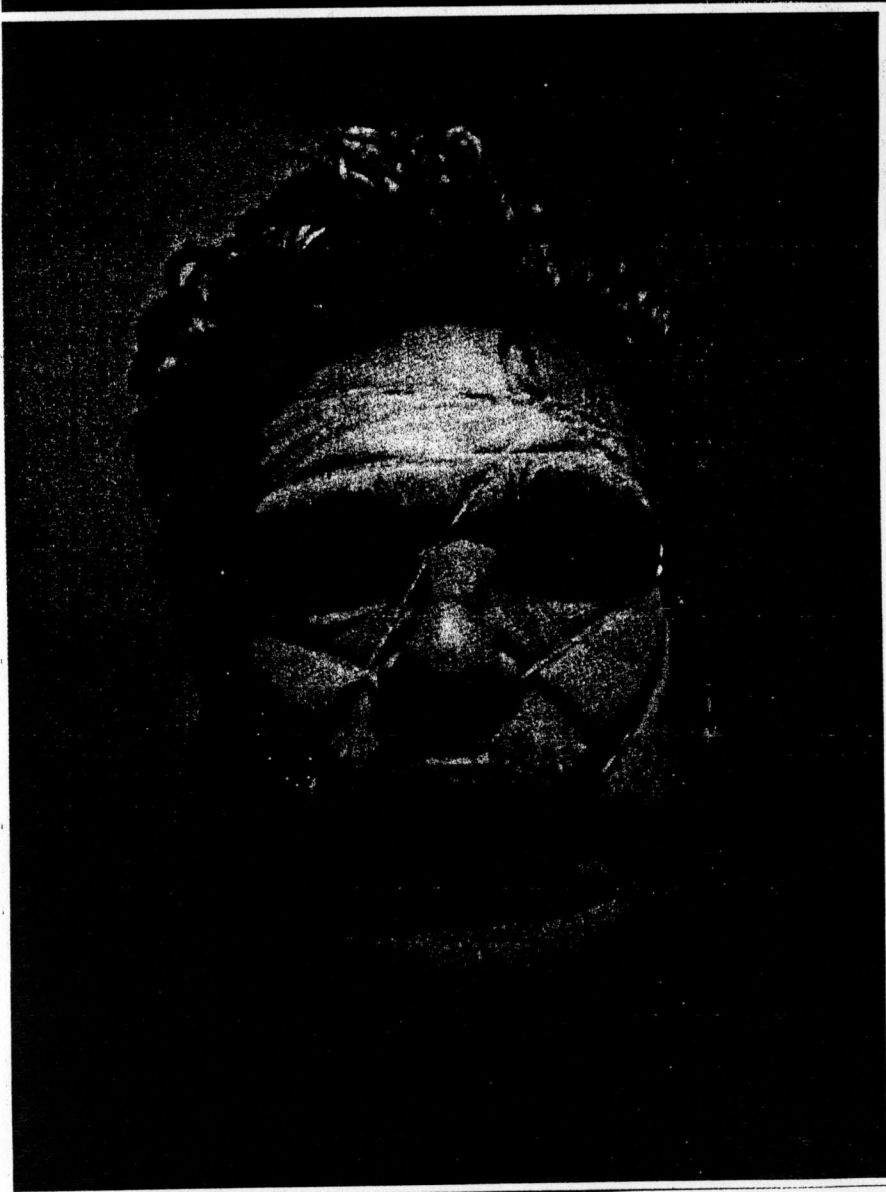


# EXPOSIÇÕES

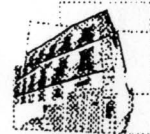
Rua Barroca, 59 > 1200-047 Lisboa > Telefone: 213 430 205

>> zedosbois@ip.pt >> <http://www.ip.pt/zedosbois>

A partir de 11 de Maio



Questões relativas ao desenvolvimento urbano, ao espaço e à sua partilha, equacionadas com as possibilidades de afirmação, liberdade e desenvolvimento de diferentes estilos de vida, são alguns dos pontos fortes de uma exposição que pretende mostrar um pouco da cena artística berlinense. **Life Politics**, é uma proposta de Solvej Ovensen, e mostra trabalhos de 11 artistas residentes em Berlim: Kenneth Balfelt (DK), Diego Schindler Castro (D), Andrea Creutz (S), Annika Lundgreen (S), Mads Lynnerup (DK), Muntean and Rosenblum (A), Thomas Poulsen (DK), Work about Work (Stefan Krüskemper e Jörg Amonat) (D), Kirstine Roepstorff (DK), Ene-Liis Semper (EST) e Marie Roemer West (DK). Alguns destes artistas estão em princípio de carreira internacional e já passaram por grandes eventos como as bienais de Veneza, Berlim e Havana. Pertencem a uma geração que se instalou na capital alemã na sequência da queda do muro. Provenientes de diferentes países, chegaram atrás do mito da grande metrópole libertadora, palco de muitas oportunidades, mas acabaram por assistir a um processo de rápidas transformações urbanísticas geradas por interesses económicos, que vieram ultrapassar as suas perspectivas optimistas. Grande parte das obras expostas na Galeria Zé dos Bois, espaço que acolhe este projecto, vem nesse sentido, contextualizar as suas temáticas com as questões urbanas reais de Lisboa. Preve-se que alguns artistas estendam os seus trabalhos a colaborações com portugueses. A iniciativa desta exposição deve-se a um intercâmbio que, em Março, levou alguns dos jovens valores portugueses a exporem em duas galerias de Berlim. Um projecto que foi co-comissariado por Ana Pinto, uma das artistas participantes. F.V.F.



zdb exposições - IMPRENSA

[WWW.ZEDOSBOIS.ORG](http://WWW.ZEDOSBOIS.ORG)

PUBLICAÇÃO E! MAGAZINE ESPAÇO/ SUPLEMENTO EXPOSIÇÕES  
CIDADE/ PAÍS LISBOA ESCREVEU \_\_\_\_\_  
DATA 05 2002 EXPOSIÇÃO LIFE POLITICS